

O século de Lévi-Strauss

Patrick Menget¹

École Pratique de Hautes Étude
E-mail: pmenget@gmail.com

Tradução: Miriam F. Hartung

Resumo

Este artigo, escrito e proferido na ocasião do centenário de Claude Lévi-Strauss, retraza, primeiramente, as grandes etapas de sua vida e de sua formação como antropólogo. Antes de seu trabalho como etnógrafo no Brasil, ele se forma como professor em filosofia na França, depois se familiariza com os mestres do culturalismo americano. Exilado em Nova Iorque, ele encontra R. Jakobson e descobre o estruturalismo na linguística, o qual ele será o primeiro a transportar para os estudos dos sistemas de parentesco e de casamento, depois para as mitologias da América. O estruturalismo de Lévi-Strauss é, sobretudo, um método do que uma filosofia, contrariamente ao mal-entendido sustentado nos meios intelectuais de Paris, e sua obra resulta numa estética e numa ética do respeito à vida, sempre mantendo a afirmação do relativismo cultural. As lições de sua obra gigantesca permitem, finalmente, relativizar as posições pós-modernas.

Palavras-chave: Estruturalismo. Lévi-Strauss. Ética da antropologia. História da antropologia. Pós-modernismo.

Résumé

Cet article, "O século de Lévi-Strauss", écrit et prononcé à l'occasion du centenaire de ce dernier, retrace d'abord les grandes étapes de sa vie et de sa formation d'anthropologue. Avant son travail d'ethnologue au Brésil, il se forme comme professeur de philosophie en France, puis se familiarise avec les maîtres du culturalisme américain. Exilé à New York, il rencontre R. Jakobson et découvre le structuralisme en linguistique, qu'il sera l'un des premiers à transposer dans l'étude des systèmes de parenté et de mariage, puis des mythologies indiennes d'Amérique. Le structuralisme de Lévi-Strauss est plutôt une méthode qu'une philosophie, contrairement au malentendu entretenu dans les milieux intellectuels de Paris, et son oeuvre débouche sur une esthétique et une éthique du respect de la vie, tout en maintenant l'affirmation du relativisme culturel. Les leçons de son oeuvre gigantesque permettent enfin de relativiser les positions post-modernes.

Mots-clés: Structuralisme. Lévi-Strauss. Éthique de l'anthropologie. Histoire de l'anthropologie. Post-modernisme.

Antes de fazer os meus agradecimentos, eu gostaria de me desculpar, pois eu não falo bem o português ou, aliás, eu falo o português falado e não o português escrito. Eu quero agradecer ao Magnífico Reitor, à Sr.a Pró-Reitora, às Senhoras e aos Senhores Professores presentes e, especialmente, ao Professor Márnio Teixeira Pinto. Eu não mereço nem a metade dos elogios que ele me fez.

Eu chamei esta conferência de “O século de Lévi-Strauss”.² Uma pequena observação que eu quero fazer é a de que na França houve um processo de celebração totalmente inédito para qualquer outro intelectual, que eu saiba. Foi tanto que pode ser chamado de uma “mumificação em vida” de Lévi-Strauss e de uma “museificação em vida”. Quero explicar: existe na França uma consagrada coleção de livros muito famosa chamada *Bibliothèque de la Pléiade*, especializada em publicar clássicos da literatura francesa e mundial, de grandes nomes (pensadores, poetas, escritores) da história; e em maio deste ano foi lançado o volume Lévi-Strauss (ainda em vida), incluindo sete livros, entre os 17 que ele escreveu. E digo “museificação em vida” porque no novo museu de Arte Primitiva, que não se chama Arte Primitiva, mas Arte das Civilizações, devido a controvérsias de opinião sobre a nomeação desse museu, acabou que simplesmente chamamos pelo nome do lugar onde o museu foi erguido: Musée du Quai Branly. E assim ficou.

Nesse museu, existe uma sala de teatro que se chama Théâtre Claude Lévi-Strauss e, no dia 28 da semana passada [28/11/2008], vários intelectuais e artistas famosos passaram o dia inteiro no palco lendo trechos das obras de Lévi-Strauss. Mas isso não foi o mais curioso. No final da tarde daquela sexta-feira, o próprio presidente

Sarkozy foi à casa de Lévi-Strauss para prestar homenagem, tendo sido a única pessoa que Lévi-Strauss, já um pouco cansado mas lúcido, aceitou receber. Mas também é um sinal de que, na situação intelectual da França, Lévi-Strauss é o último grande intelectual. Não sei se concordo com a ênfase da imprensa francesa, em que todos os jornais e todos os semanários falam do “maior intelectual do século”. Isso para mim não quer dizer muita coisa, mas que seja o maior antropólogo do século eu acredito e vou tentar mostrar para vocês.

É preciso insistir que a reputação que ele tem na França, e que certamente tem no Brasil, não é tão universal quanto pode parecer. No mundo anglo-saxão, especialmente americano, há hoje uma grande indiferença em relação a Lévi-Strauss. Só um exemplo: no penúltimo domingo, dia 23 [11/2008], na reunião anual da American Anthropological Association (AAA), que contou com uns quinhentos simpósios, houve um único simpósio, entre os quinhentos, que tratava sobre mito, ritual e espírito (“Myth, Ritual and Mind”) consagrado a Claude Lévi-Strauss. Esse simpósio foi colocado no último dia, dos quatro dias da AAA. Eu estava no simpósio e tinha uma plateia de 15 ou 16 pessoas, além dos expositores, que eram apenas seis.

Isso, eu acho, é um sinal importante. Com exceção de Marshall Sahlins, um dos maiores antropólogos americanos, e Terence Turner, além de um punhado de brasilianistas que trabalham especificamente com Brasil indígena, realmente não há maior interesse no pensamento de Lévi-Strauss nos Estados Unidos ou há muito pouco interesse sobre o pensamento dele. A maioria dos simpósios era sobre globalização, estudos culturais, temas feministas. Por exemplo, havia um simpósio intitulado “Excitação e gozo”.

Eu quero citar uma fala de Lévi-Strauss em seu aniversário de noventa anos, festejado por colegas no Laboratoire d’Anthropologie Sociale, fundado por ele. Um jornalista que estava lá tentou lembrar as palavras precisas dele para publicar, pois Lévi-Strauss não tinha escrito nada, mas falou alguns minutos, sem notas e sem preparação. O tema foi a imagem de um holograma quebrado. Nas suas próprias palavras, tais como lembra o jornalista, ele diz:

nesta idade avançada que eu não pensei atingir e que constitui uma das mais curiosas surpresas de minha vida, me sinto como um holograma quebrado. Este não possui mais sua unidade inteira, porém, como qualquer holograma, cada parte restante, conserva uma imagem e representação completa do todo. Assim, existe hoje para mim um ego real, que é apenas a metade, ou um quarto de homem, e um ego virtual, que ainda conserva viva a idéia do todo [...]. Minha vida hoje acontece neste diálogo muito estranho (LE MONDE, 1999).

Essa evocação comovente do próprio envelhecimento, como diálogo entre uma virtualidade integral do ego e sua fraqueza crescente, remete, em termos estruturais, ao roteiro de clivagem no indivíduo. Eu acho que depois disso não houve nenhuma modificação radical: ainda pensa nesses termos.

Agora eu vou expor três pontos principais. O primeiro diz respeito às etapas de uma carreira singular; o segundo refere-se à questão da estética sobre a ética; e o terceiro tratará do estruturalismo como teoria e não como filosofia, tentando esclarecer uns mal-entendidos a respeito da “filosofia estruturalista”. Depois, tentarei concluir com algumas lições que eu penso serem relevantes para todos.

A formação de Lévi-Strauss é totalmente clássica: filosofia, direito. Ele fez um “passeio” pelos cursos mais conhecidos da École Normale Supérieure e preparou o concurso de professor de filosofia, juntamente com famosos alunos dessa escola, como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, que, como vocês sabem, fez a primeira resenha de *As estruturas elementares do parentesco*.³ Uma coisa interessante, que é pouco conhecida, é que o pai dele era um pintor retratista, mas vendia poucos retratos, e, várias vezes, eles faziam pequenos aparelhos para sobreviver. A família toda trabalhava junta e fez vários aparelhos, resultado de bricolagem. Era para vender para turistas, fazia montagens de miniaturas de casas. Isso deixou rastros profundos na vida de Lévi-Strauss, ele sempre gostou da bricolagem. Na sala dele no Collège de France, havia uma maquete das transformações míticas, do terceiro volume das *Mitológicas*, porque ele construiu um modelo para explicar para si mesmo as transformações.

O interesse pela etnologia, ao contrário do que foi escrito várias vezes, não veio do seu contato com Marcel Mauss, nem sei se ele conheceu Marcel Mauss, pois não foi aluno dele. Veio, sim, da leitura do Robert Lowie, particularmente do livro *Primitive Society*, traduzido para o francês em 1935 sob o título *Traité de Sociologie Primitive*, tendo sido praticamente um dos poucos livros que introduziram Lévi-Strauss na antropologia, até ele ser chamado, no fim de 1934, para a famosa missão francesa em São Paulo, logo após a criação da Universidade de São Paulo (USP).

No Brasil, onde Lévi-Strauss passou de 1935 até 1938, esse período foi como a época do “tudo era possível” ou o que se chamou de “a grandeza dos começos”, como ele mesmo declarou em entrevista para Manuela Carneiro da Cunha, em 1985, quando voltou brevemente ao Brasil na comitiva do presidente François Mitterrand. Ele estava revivendo o entusiasmo dos primeiros descobridores, e, mesmo que fosse uma ilusão, a ilusão é necessária para a vida, dizia ele. Lévi-Strauss se imaginava como se fosse André Thevet⁴ ou como se fosse um Jean de Léry,⁵ como um dos primeiros escritores que fizeram crônicas dos primeiros tempos do Brasil colonial.

Eu vou ler uma citação de Fernanda Peixoto (1998), que escreveu um artigo sobre a permanência de Lévi-Strauss no Brasil no qual diz:

A partir dessa experiência, torna-se um americanista: inicia-se na prática etnográfica, expõe o material coletado em museus e galerias franceses, publica seus primeiros textos na área, integra a relação dos americanistas da *Société*, enfim, retorna à França reconhecido no meio etnológico como um profissional do ramo.

Esse reconhecimento profissional não se refere a um teórico, mas sim a um profissional do ramo, no tempo em que a profissão de antropólogo quase não existia na França, em que havia um filósofo, Lévi-Bruhl, e outro, Marcel Mauss, que nunca fizeram trabalho de campo. E havia também Paul Rivet, médico da Marinha. Era o último antropólogo físico, linguista e também etnógrafo na América do Sul, principalmente da Colômbia. Eles foram os principais “cabeças” do novo Instituto de Etnologia de Paris, fundado em 1925.

Depois, com a Segunda Guerra Mundial – e esses episódios são bem conhecidos – Lévi-Strauss foi um pouco inconsciente do fato de que ele, como judeu, não podia mais ensinar no Liceu. E se apresentou ao reitor em Montpellier para pedir um novo posto de professor de filosofia. Essa possibilidade não existia mais. Então, ele refugiou-se na casa de campo dos pais, uma casinha lá nas Cévennes, nas montanhas perto de Montpellier. Ele foi escolhido por uma fundação americana que retirava da Europa os intelectuais ameaçados pelo nazismo. Chegou em 1941, em Nova Iorque, junto com outros exilados. No navio fez amizade com André Breton e, depois, frequentou o grupo dos surrealistas que estavam em Nova Iorque, o que foi decisivo para ele. Graças a André Breton conheceu a arte da Costa Noroeste, acompanhando-o nos antiquários da 5ª e da 3ª Avenidas. Breton o ajudou a comprar máscaras de transformações, que custaram entre cinco e dez dólares. Essas máscaras, hoje, no seu valor comercial, valem entre cinquenta e cem mil dólares. Ele ficou absolutamente fascinado, como já era fascinado pelas damas Kadiwéu, pela qualidade e pela beleza das máscaras. Lévi-Strauss começou uma coleção que vendeu somente nos anos cinquenta, quando casou novamente. Essa coleção está hoje reconstituída inteiramente no Musée du Quai Branly, tendo sido exposta semana passada.

A segunda grande descoberta de Lévi-Strauss, em 1942, em Nova Iorque, foi Roman Jakobson, um dos linguistas mais conhecidos do século XX e que o introduziu à linguística estrutural. O mesmo Jakobson tinha inventado, junto com Nikolay Trubetzkoy, o conceito de fonema. Segundo o próprio Lévi-Strauss, foi uma iluminação, ou melhor, foi uma confirmação de uma intuição que ele já tinha tido em relação à estrutura da sociedade Bororo e também em relação à leitura de um tratado muito curioso de Granet, um sinólogo francês que escreveu nos anos 1930 um livro sobre as categorias do casamento chinês. Enfim, eu insisto neste último ponto, o do encontro mais simbólico para Lévi-Strauss, que foi quando Franz Boas, que tinha uns oitenta e poucos anos na época e era professor honorário da Columbia University, resolveu fazer um jantar solene para festejar os jovens etnólogos exilados, Claude Lévi-Strauss e Paul Rivet, este

antropólogo francês que também era médico. Nesse jantar, em Columbia, estava Lévi-Strauss do lado esquerdo de Franz Boas e do lado direito de Paul Rivet. Quando Franz Boas se levantou para fazer o brinde de boas-vindas, foi fulminado por um ataque do coração. Então, de certa maneira, o último suspiro de Franz Boas passou para Lévi-Strauss. Quem constatou a morte de Boas foi Paul Rivet. Agora imaginem: numa resenha recente, cito de memória, Lévi-Strauss escreveu que o maior antropólogo do século foi Franz Boas, opinião com a qual concordo plenamente. O último suspiro de Boas, sua alma, passou para Lévi-Strauss.

Essa Escola Americana foi decisiva na formação antropológica dele, e uma das coisas que eu tento mostrar é que realmente ele é muito mais um culturalista americano do que qualquer outra coisa e que, por exemplo, o encontro dele com os alunos da Escola de Franz Boas, tais como Margaret Mead, Alfred Kroeber, Ruth Benedict, foi uma influência decisiva sobre o modo de seu pensamento geral, senão do estruturalismo. Quanto ao estruturalismo, foi mais influenciado pela linguística de Jakobson e de Saussure. Agora, a outra descoberta que Lévi-Strauss fez em Nova Iorque foi o acervo fantástico da Biblioteca Municipal de Nova Iorque (New York City Municipal Library), na qual ele passou 18 meses trabalhando praticamente todos os dias. Foi lá que elaborou seu livro magistral, *As estruturas elementares do parentesco*, publicado em 1949. Esse livro teve um destino mais fecundo no Brasil do que na França ou nos Estados Unidos.

Não existem discípulos de Lévi-Strauss na França, acho que a teoria do casamento como troca, generalizada ou restrita, é uma teoria que foi desviada por Françoise Héritier, porque a teoria do casamento como troca é o fundamento do casamento como exogamia e ela mesma funda a proibição do incesto. A questão da proibição do incesto foi retomada por Françoise Héritier, que sucedeu Lévi-Strauss numa cátedra do Collège de France, com uma teoria da acumulação de identidade. Eu não quero desqualificar a teoria do incesto de Françoise Héritier, mas é uma volta atrás em termos de substancialização e de substantivismo. Eu acho que as variações de um antropólogo como Eduardo Viveiros de Castro, que propôs um

novo tipo de casamento (dentro da troca restrita) que chama de multilateral, no qual não vou entrar em detalhes porque é um pouco técnico, são um desenvolvimento mais interessante da teoria do parentesco de Lévi-Strauss do que da teoria da proibição do incesto, adiantada por Françoise Héritier.

Voltando ao assunto desta palestra, a carreira de Lévi-Strauss, a partir do reconhecimento de *As estruturas elementares do parentesco*, foi um pouco demorada, acho que antes vou passar rapidamente pelos *Tristes Trópicos*.⁶ De certa maneira, esse livro foi escrito num período de desânimo de Lévi-Strauss, escrito muito rapidamente, porque ele não tinha conseguido um emprego na França na medida do talento e do reconhecimento que teve intelectualmente com as *As estruturas elementares do parentesco*. Em outras palavras, ele escreveu *Tristes Trópicos* para tentar outra carreira que não fosse acadêmica, pensando que sua publicação iria lhe dar uma abertura como *grand reporter* internacional. A Unesco financiou a viagem dele à Índia e ao Paquistão, ele escreveu observações e comentários sobre o Islã que hoje seriam considerados politicamente incorretos. Ali ele faz uma comparação dos alunos de uma *madrasa* (abrigo hoje os *taliban*) com os soldados de um quartel prussiano.

O imenso sucesso do livro foi uma grande surpresa para Lévi-Strauss, porque ele escreveu isso para se livrar de algumas frustrações e foi o melhor livro de viagem filosófica publicado na França desde Victor Segalen,⁷ no início do século, que analisa o exotismo. Felizmente, após duas tentativas sem sucesso, ele entrou no Collège de France, sendo reconhecido academicamente em 1959. A maior homenagem que ele prestou, no fim da aula inaugural, no Collège de France foi aos índios Nambiquara. Agora, para acabar, rapidamente, de falar sobre o fim da carreira dele, a última etapa: seus estudos sobre a mitologia, a quantidade de material que utilizou sobre os índios da América do Sul, indo do mito Bororo até os mitos da Costa Noroeste canadense (e americana), os mitos dos índios norte-americanos das planícies e os mitos norte-americanos de praticamente toda a parte norte do continente, foram um trabalho formidável que levou praticamente uns dez anos da vida dele, uma vida de

trabalho cotidiano, sem domingos. Para lembrar os mitos, para analisá-los, eu vou simplesmente lembrar que é importante o que vai se seguir, que não é simplesmente fazendo segmentação linguística dos mitos: é fazendo uma leitura dos mitos segundo todos os códigos da etnografia. Quer dizer, não que ele apenas tenha analisado quinhentos, seiscentos e poucos mitos, mas que ele analisou toda a sociedade, conduzindo esses mitos conforme a totalidade da etnografia disponível sobre cada uma dessas mitologias. É realmente um trabalho formidável, como foi o trabalho de *As estruturas elementares do parentesco*.

Como vocês sabem, havia em *As estruturas elementares do parentesco* um propósito, digamos, durkheimiano. O propósito era mostrar, dentro das formas regulamentadas de casamentos, que havia duas formas principais, uma chamada troca restrita e outra troca generalizada. O propósito era mostrar as formas de solidariedade social.

Numa entrevista inédita de Lévi-Strauss que eu fiz junto com um filósofo já falecido, nos anos 1970, perguntei se ainda tinha esse mesmo propósito durkheimiano e ele respondeu:

não, foi um erro meu, estava enganado, equivocado. Eu penso que essas estruturas do parentesco são mais uma coisa mentale, como dizem os italianos, que uma coisa funcional, ou funcional-estrutural, uma forma de solidariedade social como Durkheim via as estruturas sociais.

É interessante porque quando ele passou para a análise dos mitos, sem nunca largar a consideração do parentesco, ficou interessado, mas não publicou mais nenhum livro sobre o assunto. Ele escolheu os mitos porque as determinações sociais sobre a produção mítica eram muito menores do que os regimes sobre a produção de esposas ou de esposos. Por quê? Porque a biologia, a ecologia e a economia pesam sobre a escolha de cônjuges, de maridos, de esposas. Enquanto a mitologia é, simplesmente, uma produção mais gratuita da mente humana, no caso levistraussiano, é mais uma produção do pensamento americano.

Assim eu poderia chegar mais perto do objetivo dele para determinar as estruturas do pensamento americano, através de uma produção mais gratuita, digamos, a regulação do casamento. Cito mais

uma passagem de Fernanda Peixoto do artigo que está na revista *Mana*: “Poderíamos dizer que a obra espiralar de Lévi-Strauss contém um movimento permanente que se traduz na incorporação de novos objetos e questões, e em um retorno sistemático a antigos resultados, ao começo – os Bororo, os Nambikwara” (1998, p. 96). O mito número um das Mitológicas é o mito Bororo, o do desaninhador de pássaros.

Vou passar agora para a segunda parte da palestra: da estética à ética e à moda. Já falei do fascínio que Lévi-Strauss sentiu, viu e descreveu nos *Tristes trópicos* pelas damas Kadiwéu. Insisto na palavra “damas”, pois, quando fiz esse filme⁸ com Jorge Bodanzky, passamos nos lugares onde Lévi-Strauss tinha filmado com sua esposa; a recepção que os Kadiwéu nos deram foi muito desigual, entre sujeitos comuns, descendentes de escravos e aristocratas, damas aristocratas dos Kadiwéu. Eu quero simplesmente lembrar que nem todas as sociedades indígenas no Brasil são igualitárias, existem sociedades indígenas aristocráticas no Brasil. Os Kadiwéu, talvez, sejam o melhor exemplo de uma sociedade com aristocracia, com homens livres e descendentes de escravos. Isso nunca impediu aquelas damas de se unirem com descendentes de escravos, às vezes com escravos que, antigamente, vinham de outros povos como os Chamacoco, entre outros. Essas damas levavam essas magníficas pinturas faciais, pelas quais Lévi-Strauss ficou absolutamente fascinado. O encontro dele significou outro fascínio com a arte da Costa Noroeste; e não há dúvida de que, depois de uma infância num *atelier* de um pintor, seja o do próprio pai ou o dos tios dele, também pintores, o gosto e o sentido estético de Lévi-Strauss tenham se acirrados pela exposição das pinturas das damas Kadiwéu. Ele pediu a elas que fizessem desenhos sobre o papel, pois elas conseguiam muito rapidamente, e a coleção de desenhos mais recentes, que está em São Paulo, mostra a continuidade dessa arte. A coleção de desenhos Kadiwéu que Lévi-Strauss tem é uma maravilha. Escreveu em *Tristes Trópicos* sobre a representação entre os Kadiwéu, mas também escreveu vários artigos sobre antropologia da arte que retomam uma tradição iniciada por Franz Boas em seu famoso livro *Primitive Art*, publicado em 1927.

Agora, o que tudo isso tem a ver com ética? Se vocês lembram bem, em *Tristes Trópicos* tem um parágrafo muito estranho em que Lévi-Strauss define o que os americanos, os culturalistas americanos, chamavam de *ethos* cultural. Eu cito de memória, vocês podem achar facilmente a citação: “cada povo tem seu estilo cultural particular”. Essa é uma parte da descrição dos Kadiwéu, nos *Triste Trópicos*. Essa definição podia ser tomada de Ruth Benedict ou de qualquer antropólogo culturalista. Lévi-Strauss nunca desistiu da crítica de arte. Em seu penúltimo livro, *Regarder, écouter, lire* (1993), ele fez uma análise de uma pintura de Poussin,⁹ em que utiliza exatamente o mesmo método para a arte da Costa Noroeste e da Nova Zelândia, ou quando analisou os motivos dualistas Kadiwéu. Enfim, o “estilo cultural” é uma marca culturalista permanente na obra de Lévi-Strauss.

Em 1950, Lévi-Strauss trabalhou para a Unesco, em Paris, e escreveu esse famoso texto chamado *Raça e história*. Não vou entrar em análise desse ensaio, talvez, a obra mais citada dele, hoje um livro de base no ensino secundário francês, quase uma leitura obrigatória. Se vocês lembram bem, nesse livro há uma tentativa de explicar o fato de que algumas culturas se expandiram, para assim dizer, e se desenvolveram, enquanto outras ficaram, aparentemente, no mesmo nível tecnológico, econômico etc.

A explicação que Lévi-Strauss dá a esse fenômeno é o que chama de “coalisão”, dizendo que várias influências, várias culturas podem se aliar, no sentido matemático de coalisão, e enriquecer, por assim dizer, uma cultura até desenvolver uma civilização brilhante. Essa ideia não vem de Lévi-Strauss, ela está num livro raríssimo e muito esquecido de Alfred Kroeber, não republicado, que se acha nas bibliotecas e chama-se *Configurations of Culture Growth*. O livro do Kroeber é uma reflexão sobre o tema que é uma obsessão do pensamento ocidental desde Gibbon e Montesquieu: a expansão e a decadência das civilizações. Lévi-Strauss buscou refletir sobre a civilização em termos antropológicos, em termos de mistura de culturas, em termos de aquisição, de difusão, tentando formalizar períodos de decadência e apogeu. Como pessoa, ele é um homem conservador e

gostou muito de ser eleito na Académie française, gostava de honrarias, mas é totalmente radical em relação ao relativismo cultural. No filme *À Propos de Tristes Tropiques*, ele falou que se pode apreciar ou não os valores de outra cultura, mas nada, nada mesmo, nos permite julgar as outras culturas.

Vou contar uma anedota reveladora do sentimento que Lévi-Strauss ainda tem com a sobrevivência dos ameríndios, os índios da América do Sul. Eu era militante de uma associação, da qual sou presidente hoje, chamada *Survival International*, e nós soubemos que uma expedição motonáutica iria percorrer os rios fluviais da Guiana Francesa, subindo um rio, descendendo outro e passando por várias aldeias indígenas. Apesar de serem afetados pelo “raid”, os índios dali não tinham nem sido avisados. Não tínhamos muitos meios de ação, nossa associação era pequena. Eu liguei para Lévi-Strauss, pensei que ele fosse recusar um pedido de intervenção: *o senhor aceitaria fazer uma visita, pedimos um encontro com o ministro dos Territórios de Ultramar*. Para minha surpresa, ele disse: “É claro que vou!”. Então, nós nos encontramos na sala do chefe de gabinete do ministro. Primeiro, o chefe de gabinete ficou, assim, pasmado ao ver Lévi-Strauss visitá-lo. Lévi-Strauss falou por cinco minutos com cortesia, extrema cortesia, frieza e muita energia e disse: “Vocês vão tolerar esse circo, enquanto o Brasil do outro lado do rio está protegendo, de maneira eficaz, os índios que são dos mesmos povos, da mesma língua”. Acabou com eles.

Uma semana depois, o presidente Jacques Chirac, então primeiro-ministro, visitou a Guiana e interditou o “raid”. Isso quer dizer que não há diferença, para Lévi-Strauss, entre a estética, o sentido estético dele e o sentido ético. Entre as últimas palavras das várias entrevistas que fizemos, ele sempre volta à questão da filosofia. Lévi-Strauss é um pouco como Karl Marx, no sentido anedótico. Marx falou que, “*Se marxista for isso, eu não sou marxista*”. É um pouco a posição de Lévi-Strauss em relação à filosofia estruturalista: “*se estruturalista for isso, não sou estruturalista*”. Ele tem uma filosofia que ele mesmo chama de “rústica”; uma convicção que é a seguinte: ele receia uma catástrofe demográfica; hoje existe acima de seis bilhões de pessoas na Terra e, quando ele tinha 15 anos, havia apenas um

bilhão e meio. Lévi-Strauss acreditava que isso é o pior perigo que existe para a humanidade; já falava sobre isso nos *Tristes Trópicos* há cinquenta anos: isso irá atrapalhar a vida de todo mundo e romper o que poderia se chamar um “equilíbrio”. Ele não usa essa expressão, mas disse repetidamente que poluir o ar, sujar as águas, destruir a vida animal, acabará com a grande cadeia da vida, não da vida humana, mas da vida inteira.

De certa maneira Lévi-Strauss poderia ser um “protoecologista”, porque ele começou bem antes de o tema se tornar popular, apesar do fato de que a participação dele em ações, digamos militantes, como essa visita ao gabinete do ministro dos territórios de ultramar, foi relativamente esparsa. Apesar de ser raro, ele foi constantemente atento e ativo à sobrevivência das populações indígenas e, também, isso talvez vocês aqui saibam, mas é sempre interessante citar, sempre recebeu os emissários dos índios quando chegavam à Europa. Recentemente, há uns três ou quatro anos, recebeu um grupo de Bororo, entre os quais havia um antropólogo, melhor, um futuro antropólogo, doutorando em antropologia, e dois seminaristas, que, para agradar Lévi-Strauss, entoaram um canto tradicional dos Bororo. Isso quer dizer que a ligação de Lévi-Strauss com esses povos, apesar de ser discreta, foi constante. É a isso que eu chamo a ética de Lévi-Strauss. Quando fiz o filme *À propos de Tristes Tropiques* e retornei de campo, eu o entrevistei, mostrando-lhe nossas imagens dos Kadiwéu e dos Bororo. Esse filme mescla as próprias imagens feitas por Lévi-Strauss naquele momento e as nossas, mais atuais, e perguntei para ele: “*o que mais lhe emocionou nessas imagens?*”. Pensou um pouco e disse: “*O espetáculo da natureza*”, ao que respondi: “*e a gente, professor?*”. E Lévi-Strauss retrucou:

Olha, eu tenho notícia regularmente dos índios, porque todos os meus colegas me escreveram regularmente sobre os Nambiquara, sobre os Bororo, sobre os Kadiwéu. Eu nunca perdi o contato com esses povos. Agora, eu sei que muitos deles estão numa situação péssima. Mas a natureza da América, a natureza do Brasil parece que não mudou; isso é o que eu mais gosto nas suas imagens.

Vou concluir essa parte dizendo que, para Lévi-Strauss, poderíamos utilizar a frase famosa de Wittgenstein dizendo que: “*Esthetic und ethik sind einz*”. Em português: “A estética e a ética são uma só”. E, realmente, a postura estética de Lévi-Strauss é uma postura ética, ao mesmo tempo.

Para finalizar, a última parte da minha fala: o estruturalismo.

A quantidade de mal-entendidos que aconteceram na França pode ser calculada em dezenas de quilos de livros. Não entendo bem isso. Não é porque eu sou antropólogo, aliás, eu tenho uma formação também em filosofia, elementar, mas não entendo bem por que se transformou num ambiente muito “parisiano”, com alguns anexos em Nova Iorque, e transformou Lévi-Strauss, com uma alma de cientista social, em um filósofo. Acho que foi uma grande bolha de sabão e não merece muita reflexão. O melhor exemplo dessa bolha de sabão que estourou, mas que era mesmo isso, foi depois de maio de 1968, que, por sinal, Lévi-Strauss odeia: “*Tem essa bagunça, não gosto*”, dizia. Um pouco conservador, talvez. Existe um jornal de esquerda, deve ser o *Libération*, que colocou um título enorme: “O estruturalismo está morto!”. Mas é morto porque nunca foi uma filosofia. Houve uma discussão no último capítulo de *La Pensée Sauvage*, uma discussão com Sartre, recusando o ponto de vista, digamos, da dialética do Sartre, isto é, o ponto de vista do sujeito, da fenomenologia “sartriana”. Só o Sartre pode aceder ao movimento da história, mas o movimento da história visto como especificidade ocidental. Houve uma discussão cortês com a hermenêutica de Paul Ricoeur, na qual Lévi-Strauss disse, simplesmente, que não tinha nada contra a hermenêutica como interpretação. A história inteira da tradição judaico-cristã é uma história de hermenêutica e nunca acaba, quer dizer, comentário após comentário que, simplesmente, Lévi-Strauss tinha um método mais simples e que não quis tocar nesse cumulativo edifício das teologias ocidentais. O fato de que ele não quer tocar não significa que ele tem outra filosofia ou que seja anticristão, antirreligioso. Simplesmente, ele não tem sensibilidade para religião, e foi ele quem falou isso. Falou da mesma maneira que Max Weber, quando escreveu que não tinha sensibilidade para música. Lévi-Strauss

tem pouca sensibilidade para religião, mas estudou brilhantemente alguns rituais. A análise que ele fez dos ritos funerários Bororo é um modelo de análise estrutural. Carregando o *mariddo* (nome técnico da roda carregada, das duas rodas enormes) no pátio da aldeia, os Bororo representam assim os vivos e os mortos; é uma festa funerária na qual a representação encena a luta dos vivos contra os mortos.

Eu vou evocar rapidamente o método estruturalista, pois isso faz parte do bê-á-bá da antropologia, apesar das discussões com os maiores filósofos desse tempo: Sartre, de um lado, Ricoeur, de outro. Não existe uma filosofia estruturalista, existem suposições, eu tentei esboçar a posição ecológica. Existe o pessimismo bastante radical de Lévi-Strauss em relação ao futuro da humanidade, em relação à diminuição da diversidade cultural, mas isso não constitui uma filosofia. Constituir o estruturalismo em filosofia é bem parisiense, bem salão parisiense. O método é de fato muito mais um *bricolage* intuitivo que um procedimento que pode ser regulado em ponto um, ponto dois, ponto três, e aplicado a qualquer situação. Acho que é por isso que Lévi-Strauss não tem realmente discípulos. Ele inspirou muita gente, muito mais do que se ele tivesse tido discípulos, no sentido técnico da palavra.

O inventário das unidades pertinentes ou relevantes, num conjunto que seja ritual, mitológico, artístico, técnico ou econômico, pode ser, evidentemente, interminável. Depende muito da intuição do pesquisador. É verdade que o dualismo institucional não é outra coisa senão o reflexo do dualismo mais fundamental, que para ele é uma estrutura mental.

Vou ler uma citação sobre dualismo que está no grande final do último volume das pequenas *Mythologiques*, chamado “A história de Lince”. Houve um grande debate na antropologia do lado dos ingleses, principalmente da parte de Maybury-Lewis, sobre a natureza das organizações dualistas. O teor funcionalista dos ingleses nesse tempo dos anos 1950 é, evidentemente, colocar as estruturas do dualismo do lado das instituições, enquanto Lévi-Strauss respondeu que essa visão do dualismo é uma visão parada, estática. No final de “A história de Lince”, Lévi-Strauss diz: “Lá como alhures, o dualismo

se traduz por um jogo dinâmico entre reciprocidade e hierarquia".¹⁰ Essa é uma nota adicional da nova edição desse livro.

É realmente um pensamento espiralar, como bem diz Fernanda Peixoto, porque vocês lembram que essa noção do desequilíbrio dinâmico do dualismo já foi formulada no artigo de 1944, no *American Anthropologist*, pouco citado, cujo título é "Reciprocity and Hierarchy"; trata-se de uma resposta crítica ao artigo de um autor que escreveu, em 1943, uma matéria sobre o Bororo na *Revista do Arquivo Municipal* de São Paulo. Essa noção de desequilíbrio dinâmico é fundamental porque rebate, contradiz, a crítica mais frequente, formulada na América do Norte, de que o estruturalismo e as estruturas dualistas em particular são uma coisa estática, anti-histórica, que não incluem a diacronia. Acho isso, simplesmente, errado, porque a visão estrutural do dualismo como exemplo do método estrutural é uma visão profundamente dinâmica, todo o movimento do mito de criação dos Guarani, que Lévi-Strauss analisa novamente em *A história de Lince*, é uma história do desequilíbrio que cria o movimento histórico. A história do mito de criação Guarani é uma história, é uma gênese.

Entre as pessoas que acreditavam mais veementemente nessa noção, esse tipo de análise estrutural, existem vários antropólogos brasileiros e/ou europeus, não vou citar todos, um deles recentemente foi Peter Gow, catedrático em Saint Andrews, que aplicou o método estrutural que acredito ser a invenção mais importante que Lévi-Strauss fez para a história dos Piro.¹¹ Cada um pode também fazer a bricolagem com sua intuição, tomando em conta os vários níveis da realidade, quer dizer, simplesmente, fazendo uma etnografia o mais detalhada que puder e utilizando todos os códigos que são formalizados pela própria cultura estudada. Multiplicidade dos códigos, multiplicidade dos níveis, hierarquização dos níveis.

Bom, é verdade que o conceito de "hierarquia" foi melhorado, digamos, existe como potencial no artigo de 1944 e foi formalizado por um dos melhores levistraussianos que havia na França, Louis Dumont, especialista da Índia, mas que, de qualquer forma, sabe muito do método estrutural de Lévi-Strauss. A teoria de Dumont é uma aplicação da teoria, do método estrutural.

Para concluir, vou tentar aproveitar esse percurso exemplar, secular, de Lévi-Strauss. A primeira lição de cunho culturalista é a de que a diversidade das culturas humanas é uma riqueza tão intelectual como humana, e de que o pessimismo relativista de Lévi-Strauss diante do fantástico crescimento demográfico global não impede que continuemos esse inventário paciente da diversidade humana e, dentro deste último, o inventário de tudo que for pertinente ou relevante, mesmo se isso significar matizar o pessimismo levistraussiano diante da diminuição do número das culturas. Por exemplo, podemos afirmar que as resistências ao movimento global de uniformização criam, ou melhor, recriam diferenças culturais.

A segunda lição é mais voltada para o método estrutural. Eu tento mostrar que o método estrutural não pode ser entendido de maneira limitativa, como o pensamento binário ou como o binarismo universal, mas, antes, com a consideração de todo dualismo como estruturas mentais e, na realidade social, na realidade religiosa, na realidade artística, como desequilíbrios dinâmicos. O tratamento, essa é outra coisa interessante da oposição estrutural, da semelhança entre dois objetos, quaisquer que sejam, como um caso particular, um caso “minimizado” ou minimalista de diferença, reintroduz a indispensável primazia da relação sobre os elementos. Claro que semelhança não é diferença, que tende ao zero, tende apenas, mas não é semelhança, não é identidade. Dizendo isso, estou fazendo uma crítica à teoria do incesto de Françoise Héritier, por exemplo, ou ao que ela toma por identidade, apenas a semelhança, ou a semelhança é o caso “minimal” da diferença, dois jeitos de semelhança podem ser analisados como opostos.

Em todos os nossos estudos, mas talvez principalmente na antropologia, na linguística, na crítica literária, na teoria literária, o método estrutural nos leva a um deslocamento de ponto de vista em relação às perspectivas clássicas fundadas do ponto de vista do ator ou do indivíduo em geral, e isso não é filosofia, é um princípio metodológico, apenas. Enfim, se vocês me permitem uma reflexão mais pessoal e um tanto polêmica, eu diria algumas palavras a respeito do pós-modernismo. Para a maioria dos nossos colegas norte-americanos e para uma parte dos seguidores deles na Europa – no

Brasil não sei muito –, a etnografia tradicional, a análise estrutural e os estudos de parentesco e mitologia cederam lugar ao estudo “multissítio”, sítio no sentido de entrosamento entre as culturas e sociedades hegemônicas ou dominantes e as outras culturas dominadas ou subalternas.

Essa perspectiva também deve ser reflexiva e mesmo autorreflexiva, quer dizer, os próprios dominados devem se apropriar dos hábitos, se apropriar dos elementos teóricos dos dominantes, a meu ver, dois limites evidentes. Essa perspectiva supõe que estudos tradicionais, a antropologia desde o século XIX, bem como a antropologia moderna, inventada entre 1850 e 1870, tendo Tylor como pai da antropologia – Tylor e Boas –, estão condenados, por princípio, porque têm origem na cultura “colonialista” ou imperialista ocidental, racista.

Os primeiros estudiosos, como Tylor, Boas, poderíamos citar outros, mas esses são suficientes, apesar do ambiente evolucionista dominante no começo desse tempo, acabaram por ser a própria negação dessa tese. O primeiro teórico alemão chamado Theodor Waitz, que inspirou muito Tylor, mostrou que a questão essencial era a possibilidade de uma antropologia social comparativa, porque o postulado da escravidão, a base da escravidão seria abolida, aniquilada, caso houvesse uma comparabilidade entre todas as culturas. Quer dizer, o postulado de início da antropologia faz-se por conta de Tylor, era antiescravista.

Enfim, o segundo argumento contra essa doutrina global é o seguinte: os estudos etnográficos dos antropólogos do século XIX e do começo do século XX são reutilizados pela antropologia nativa. Por exemplo, um caso que acho significativo. Visitei a cidade de Prince Rupert no Canadá (Colúmbia Britânica), onde tem um *campus* para os índios da Costa Noroeste, quis encontrar alguns desses intelectuais indígenas e fui muito mal recebido:

— “*Você é antropólogo?*” perguntou um índio.

— “*Sou*”, respondi.

— “*Não existem Tlingit, Tsimshian ou Haida, esses nomes são uma invenção da antropologia colonialista*”, disse-me ele.

Falou-me o nome do povo e eu conheci. Bom, conheço mal, mas muito mal mesmo e depois falei a ele:

— *“Não vim aqui pra fazer estudo antropológico, vim para fazer uma visita, só como um turista”*.

— *“Mas você é antropólogo, o que faz?”* perguntou.

— *“Tentei estudar os índios do Brasil”*, respondi.

— *“Ah! Tentou estudar os índios do Brasil”* ... E de repente falou: *“Você já viu um xamã?”*.

— *“Claro que vi um xamã no Alto Xingu, um deles foi meu instrutor de xamanismo”*, respondi.

Foi quando ele olhou para mim e falou:

— *“Eu te convido pra almoçar, eu pago o almoço”*.

— *“Mas por que você paga o almoço?”*, indaguei e ao que ele respondeu:

— *“Porque eu gostaria de saber como é o xamanismo, porque os missionários tiraram os xamãs da gente quase um século atrás e eu gostaria de saber como funciona o xamanismo”*, respondeu.

Assim se criou uma grande amizade entre nós, porque eu pude contar a ele como funciona a pajelança no Alto Xingu.

Segundo limite do pós-modernismo. A maioria dos estudos está marcada, para não dizer estigmatizada, pelo fato de se iniciar sempre de cima para baixo, do determinante para o determinado, descendo a escala do poder. Esse preconceito inconsciente caracteriza e informa uma antropologia política extremamente simples, uma antropologia política que nenhum militante adotaria, como se o discurso, senão a retórica dos líderes étnicos e etnicistas, fosse uma simples inversão dos discursos dos dominantes e, infelizmente, às vezes o é.

Em outras palavras, discorrer sobre a etnicidade com os líderes de um grupo jamais substituirá o estudo paciente, tenaz e meticuloso do conjunto de relações entre esses líderes que emitem os discursos sobre o grupo e aquilo que eles efetivamente pretendem representar. São as relações entre essas duas categorias – líderes e povo – que são o jeito mais interessante de estudo na antropologia, e não a replicação mecânica dos discursos etnicistas.

Enfim, para poder fazer um estudo completo, às vezes indispensável, não basta sair do polo dominante, mas é necessário olhar,

em todos os níveis, por todos os códigos e analisar as relações complexas que ligam, em uma longa cadeia, os referidos polos, o de cima e de baixo. Mais uma vez a etnografia detalhada é uma exigência, um pré-requisito imprescindível da antropologia. Essa seria mais uma lição de Lévi-Strauss.

Notas

- 1 Professor emérito da École Pratique de Hautes Études, de Paris.
- 2 Conferência proferida em 4 de dezembro de 2008, por ocasião do seminário comemorativo ao centenário de Claude Lévi-Strauss, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.
- 3 *As estruturas elementares do parentesco* constitui a maior parte da *thèse d'État* de Claude Lévi-Strauss, tendo sido publicada pela primeira vez em 1949 pela editora PUF, de Paris.
- 4 Ver *Singularidades da França Antártica*, publicada em 1978 pela Itatiaia/Edusp, de Belo Horizonte/São Paulo.
- 5 Ver *Viagem à Terra do Brasil*, publicada em 1980 pela Itatiaia/Edusp, de Belo Horizonte/São Paulo.
- 6 Publicada em 1955 pela editora Plon, de Paris.
- 7 Victor Segalen é o autor do famoso *Lês immémoriaux*, editora Plon, Paris, 1956.
- 8 Referência ao documentário *À Propos de Tristes Tropiques*, realizado em 1990 por Jorge Bodanzky, Patrick Menget e Jean-Pierre Beaurenaut, exibido no seminário de comemoração ao centenário de Claude Lévi-Strauss, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.
- 9 Pintor francês do século XVII, representante do classicismo.
- 10 *Histoire de Lynx*, publicada em 1991 pela Plon, de Paris (em português a mesma obra saiu pela Companhia das Letras, em 1993).
- 11 *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*, publicada em 1991 por Clarendon Press, de Oxford.

Referências

- BOAS, Franz. *Primitive Art*. New York: Capitol, 1951.
- GOW, Peter. *Of mixed blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- KROEBER, Alfred. *Configurations of Culture Growth*. Berkeley: University of California Press, 1944.
- LE MONDE. Paris, 29 de janeiro de 1999.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: PUF, 1949.

_____. *Race et histoire*. Paris: Unesco, 1952.

_____. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 1955.

_____. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.

_____. *Histoire de Lynx*. Paris: Pocket, 1991.

_____. *Regarder, écouter lire*. Paris: Plon, 1993.

LOWIE, Robert. *Primitive Society*. New York: Boni and Liveright, 1920.

PEIXOTO, Fernanda. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1998.

SEGALEN, Victor. *Lês immémoriaux*. Paris: Plon, 1982.

THÉVET, André. *Singularidades da França Antártica*. São Paulo: Ed. USP, 1978.

Recebido em: 31/10/2011

Aceite em: 20/11/2011